

# A glamourização do empreendedorismo: uma análise do sistema de transitividade em revistas femininas<sup>1</sup>

The glamorization of entrepreneurship:  
an analysis of the transitivity system in women magazines

 Cristina dos Santos Lovato

 Donna Zdruikoski Ramires

**Resumo:** Tomando como referência o sistema de transitividade da Gramática Sistêmico-funcional, o objetivo desta pesquisa foi analisar como se dá a representação do empreendedorismo feminino em revistas que têm as mulheres como público-alvo. Para tanto, adotou-se uma abordagem quanti-qualitativa e organizou-se um *corpus* composto pelo título e pelo lide de dez reportagens publicadas nos sites das revistas Claudia e Vogue. As análises mostraram que o sistema de transitividade desempenha diferentes funções na construção de uma representação para o empreendedorismo feminino nos textos estudados. Os principais resultados indicaram que o empreen-

---

Cristina dos Santos Lovato. Doutora em Letras, Estudos linguísticos; Universidade Federal do Pampa – Campus Itaqui/RS; Email: cristinalovato@unipampa.edu.br

Donna Zdruikoski Ramires. Acadêmica do Curso Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia; Universidade Federal do Pampa – Campus Itaqui/RS; Email: donnaramires.aluno.edu.br

1. Este artigo faz parte do projeto de pesquisa *A glamourização do empreendedorismo feminino: uma análise linguística sistêmico-funcional da representação da mulher empreendedora em revistas femininas* (número de registro 2022.PE.IT.1693 – código 1693), e uma versão inicial da análise dos dados foi feita para o Trabalho de Conclusão de Curso da coautora deste artigo.

dedorismo é superestimado porque é apresentado como um caminho fácil e alternativo para a realização pessoal e econômica das mulheres.

**Palavras-chave:** Linguística Sistêmico-Funcional. Metafunção ideacional. Empreendedorismo feminino.

**Abstract:** Taking the Systemic-Functional Grammar's transitivity system as a reference, the objective of this research was to analyze how female entrepreneurship is represented in magazines that have women as their target audience. To this end, a quantitative-qualitative approach was adopted and a *corpus* composed of the title and lead of ten reports published on Claudia and Vogue magazines' websites was organized. The analyses showed that the transitivity system plays different roles in constructing a representation for female entrepreneurship in the texts studied. The main results indicated that entrepreneurship is overrated because it is presented as an easy and alternative path to women's personal and economic fulfillment.

**Keywords:** Systemic-Functional Linguistics. Ideational metafunction. Female entrepreneurship.

## Introdução

A incorporação da mulher no mercado de trabalho é marcada por uma conjuntura sociocultural em que homens e mulheres não compartilham o mundo em equidade de condições, liberdades e direitos. Nos termos de Simone de Beauvoir (2019), historicamente, aos homens são ofertadas situações de trabalho mais benéficas, salários mais altos e maiores possibilidades na indústria e na política. Por conseguinte, os paradigmas sociais se respaldam em uma divisão sexual do trabalho na medida em que se organizam “obedecendo ao critério de sexo” (Saffioti, 2004, p. 62).

Embora reconhecidamente as mulheres venham conquistando espaço no mercado de trabalho, a desigualdades entre os gêneros sociais

impulsiona a inserção da mulher no ramo de atividades informais. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024), “a informalidade é maior para as mulheres (39,6%), quando comparada aos homens (37,3%)”. Nesse contexto, o empreendedorismo aparece como uma alternativa de carreira cada vez mais frequente para elas (Bandeira; Amorim; Oliveira, 2020)

Entretanto, do ponto de vista das opções de área de atuação para as mulheres no mercado de trabalho, as possibilidades de empreendedorismo parecem restringi-las a atividades que ensejam passividade e cuidado. Conforme Saffioti (2004), a caracterização do **ser mulher** no âmbito do trabalho está associada, muitas vezes, a tarefas tradicionais definidas pela ordem patriarcal de gênero. Essas opções são, sobretudo, vinculadas aos setores de comércio varejista e serviços (Bianchi; Parisi; Salvatore, 2016).

A partir dessas questões e do aumento do interesse que o empreendedorismo feminino está recebendo no meio científico (Bianchi; Parisi; Salvatore, 2016, p. 199), busca-se, neste estudo, analisar como se dá a representação do empreendedorismo feminino em revistas que têm as mulheres como público-alvo. Para tanto, as seguintes questões de pesquisa conduzem a discussão:

1. Como o sistema de transitividade constrói uma representação para o empreendedorismo feminino nos textos analisados?
2. Como a prática discursiva opera na construção dessa representação?
3. Como a prática social se apropria dessa representação construída nos textos e reproduz um padrão discursivo que alinha o empreendedorismo feminino a condições sociais associadas historicamente ao gênero social feminino?

A concepção teórica que norteia as respostas a esses questionamentos se respalda na Linguística Sistêmico-Funcional e tem como ferramenta para geração de dados de pesquisa o sistema de transitividade da Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2004; Cunha; Souza, 2007; Fuzer; Cabral, 2014).

No que diz respeito à escolha do sistema de transitividade como ferramenta para a coleta e exploração do *corpora*, a opção se justifica porque esse sistema possibilita levantar dados sobre como as escolhas linguísticas, enquanto categorias semânticas, estabelecem uma representação social para o empreendedorismo feminino na contemporaneidade. Para tanto, adota-se uma perspectiva quanti-qualitativa e organiza-se um *corpus* composto pelo título e pelo lide de dez reportagens publicadas nos sites das revistas Claudia e Vogue. Ainda, à luz da Análise de Discurso Crítica, enseja-se interpretar os dados levantados para explorar como se dá a determinação das escolhas linguísticas pelas estruturas sociais e culturais nos textos analisados.

Diante disso, o texto do artigo apresenta uma introdução que contextualiza a pesquisa e uma seção de fundamentação teórica dividida em três partes. A primeira parte aborda princípios gerais e conceitos centrais da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF); a segunda descreve o sistema de transitividade, com exemplos extraídos da literatura científica sobre o tema; por fim, a terceira parte trata da Análise de Discurso Crítica (ADC), revisitando conceitos-chave dessa abordagem teórica e metodológica que orientam a interpretação dos dados levantados para este estudo. Além disso, o artigo inclui seções voltadas à descrição metodológica do estudo, à descrição e discussão dos resultados e às considerações finais, respectivamente.

## Linguística Sistemico-Funcional

A LSF centra-se em uma concepção de língua como escolha e, assim, examina o modo como ela é utilizada em textos autênticos, bem como as implicações das escolhas linguísticas dos usuários da língua na produção de significados e arranjos sociais. A LSF opõe-se, portanto, aos estudos formais da

linguagem de cunho mentalista, “[...] pois seu foco de interesse é o uso da língua como forma de interação entre os falantes” (Cunha; Souza, 2007, p. 19).

Na perspectiva funcionalista, a língua(gem) é concebida como uma manifestação sociosemiótica, pois se configura como um modo de “representação da experiência humana quer seja na ‘realidade’ presente/percebida no meio físico ou concreto, quer seja na ‘realidade’ idealizada/fabricada em nossa mente, num plano mais abstrato (Mendes, 2018, p. 24). Com o foco direcionado para a língua em uso, as pesquisas funcionalistas dedicam-se ao estudo de produtos autênticos da interação social: ocorrências do português falado e escrito em suas múltiplas formas de circulação na sociedade.

O funcionalismo se fundamenta em dois pressupostos básicos, segundo Cunha e Sousa (2007, p. 15):

1. A língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico; e
2. Essas funções externas contribuem para moldar a organização interna da língua.

Os pressupostos citados congregam uma série de campos de pesquisa. Contudo, neste estudo, apoia-se especialmente na proposta de Michel Halliday, em especial, aquelas oriundas da Gramática Sistemico-Funcional.

co-Funcional (GSF). Na GFS, o termo **gramática** é entendido como “o centro de processamento da linguagem, o local onde os sentidos são criados e expressados” (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 19). Corresponde a um sistema de escolhas organizado conforme metafunções semanticamente motivadas pelo contexto de comunicação. Segundo Fuzer e Cabral (2014, p. 32), as metafunções são “manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual)”.

Em função do recorte de pesquisa, o foco recai na metafunção ideacional, que se estrutura pelo sistema de transitividade, ferramenta escolhida para a geração de dados para este estudo. A metafunção ideacional se concentra no estudo das representações da experiência humana no mundo real, uma vez que a experiência humana é geralmente entendida como um fluxo de eventos e acontecimentos, “atos ligados ao agir, dizer, sentir, ter e ser” (Cunha; Sousa, 2007, p. 53).

O sistema de transitividade é responsável por construir e dar fluxo à experiência por meio de um conjunto coordenado de tipos de processos, cada um com seu próprio modelo ou esquema para a construção de um significado particular da experiência.

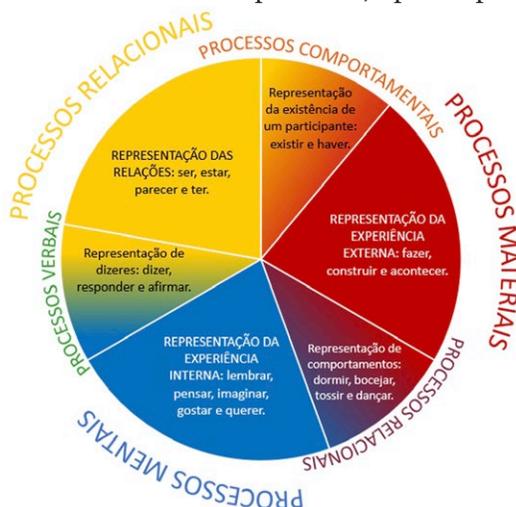
## Sistema de transitividade

Pela ótica dos estudos funcionalistas da linguagem, o termo **transitividade** refere-se à gramática da oração, especialmente ao papel central que os processos verbais desempenham na produção dos significados. De um modo geral, pode-se dizer que cada um dos processos forma uma **figura** (Halliday; Mathiessen, 2004, p. 170), concebida como sentidos produzidos pelos processos em associação com “par-

ticipantes (quem faz o quê), e, eventualmente, às circunstâncias associadas ao processo (onde, quando, como, por que etc.)” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 41). Os processos dizem respeito ao modo como a experiência é construída, as atividades são realizadas e como elas representam o mundo social, físico e mental.

As figuras são diferenciadas conforme o tipo de processo que representam. Isto é, se remetem à realização, percepção ou comportamento de algo. Na GSF, identificam-se três processos primários: material, mental e relacional. Halliday e Matthiessen (2004) utilizam uma analogia com um sistema de cores para explicar o significado de cada um desses processos e como eles se desdobram em outros três tipos de processos. A Figura 1, abaixo, ilustra a analogia proposta pelo autor, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, para a compreensão do sistema de transitividade. Para os autores, a organização em cores é uma sugestão metodológica, quando na análise dos textos, os processos são destacados por meio das cores que os identificam.

Figura 1 – Gramática da experiência, tipos de processos



Fonte: Autoras, adaptado de Halliday e Matthiessen (2004, p. 172) e Cabral e Fuzer (2024, p. 42)

A Figura 1 ilustra os três processos principais e primários nas cores específicas: vermelho para os processos materiais, azul para os processos mentais e amarelo para os processos relacionais. No limiar desses processos, encontram-se outros três processos que são chamados de secundários. Os processos comportamentais, representados pela cor laranja, situam-se na fronteira entre os processos materiais e mentais e correspondem a manifestações psicológicas e fisiológicas dos seres humanos. Por outro lado, os processos verbais, em verde, referem-se às atividades linguísticas dos participantes e estão posicionados entre os processos mentais e os relacionais. Finalmente, os processos existenciais, em roxo, representam a existência do participante e estão localizados entre os processos materiais e relacionais.

Ainda, a Figura 1 utiliza a gradação das cores para mostrar que não há um limite exato entre os processos primários e os secundários; eles se complementam em uma relação de continuidade. Além disso, conforme Halliday e Matthiensen (2004), cada um desses processos contribui de maneira distinta para a construção de um conjunto de significados. A seguir, são apresentadas as definições e é trazido um exemplo de cada um dos processos.

## Processos materiais

Aparecem em vermelho e correspondem aos processos de **fazer**. São os processos pelos quais uma entidade humana, abstrata ou inanimada, realiza ou sofre uma ação. Podem ser representados por verbos transitivos e intransitivos, como os exemplos 1 e 2, e ter como participantes **ator**, **meta**, **escopo**, **beneficiário** ou **atributo**. O **ator** é o

participante que executa a ação do verbo<sup>2</sup>; enquanto a **meta** é o participante que recebe a ação, conforme os exemplos a seguir.

Transitivo	<b>A equipe</b> Ator	<b>construiu</b> Processo material	<b>a casa.</b> Meta
Intransitivo	<b>As crianças</b> Ator	<b>brincam</b> Processo material	<b>maravilhosamente.</b> Circunstância

Há construções que apresentam ainda uma **circunstância** (nos exemplos 2 e 5, **maravilhosamente** e **pelo campo de futebol**, respectivamente) que corresponde a informações sobre o contexto (onde, quando e como) o processo se desenvolve. Além de **ator**, **meta** e **circunstância**, algumas orações materiais apresentam o **escopo**, quando não ocorre um participante que seja afetado pela noção expressa pelo verbo, o exemplo abaixo ilustra esse aspecto.

(3) Escopo	<b>Maria</b> Ator	<b>deu</b> Processo material	<b>um grito.</b> Escopo
------------	----------------------	---------------------------------	----------------------------

Nesse exemplo, observa-se que o verbo **dar** está empregado em desacordo com seu sentido usual (conceder ou transferir algo para alguém). Ainda, contudo, classifica-se como um processo material, pois não há um participante que seja afetado e nem beneficiado pelo processo. O participante **beneficiário** ocorre apenas quando algo ou alguém se beneficia da ideia expressa pelo verbo, como ilustra o exemplo 4.

2. Destaca-se, no entanto, que estrutura passivas, pelo viés da Gramática-Sistêmica Funcional, dizem respeito a construções em que orações com processos materiais têm um participante **ator**, mas ele não ocupa a posição de Sujeito, nos termos da Gramática tradicional (sublinhado no exemplo: **O DNA é estudado por cientistas**), ou não é mencionado, situação em que aparece o participante **meta** (sublinhado no exemplo: **O DNA é estudado em diversas pesquisas**) ao qual o processo é dirigido.

(4) Beneficiário	<b>Maria</b> Ator	<b>dou</b> Processo material	<b>dinheiro</b> Meta	<b>para a associação.</b> Beneficiário
---------------------	----------------------	------------------------------------	-------------------------	---

Por fim, o **atributo** é uma característica conferida a um dos participantes do processo em orações materiais, conforme demonstra o exemplo 5.

(5) Atributo	<b>Os jogadores</b> Ator	<b>caminhavam</b> Processo material	<b>cansados</b> Atributo	<b>pelo campo de futebol.</b> Circunstância
-----------------	---------------------------------	---	-----------------------------	--

Embora a noção de **atributo** seja típica em processos relacionais, algumas vezes pode aparecer em orações materiais, quando constitui uma característica ou condição do **ator** ou da **meta** após a conclusão do processo.

## Processos mentais

Estão em azul e referem-se aos processos de sensação, que lidam com a apreciação do mundo ao expressar noções de **pensar e perceber**, como ilustra o exemplo a seguir.

Maria Experenciador	<b>pensou</b> Processo mental	<b>na nova casa</b> Fenômeno
------------------------	-------------------------------------	---------------------------------

Os participantes desse tipo de processo são humanos, representam coletivos ou são entidades inanimadas sem consciência, que são condicionadas à criação humana, motivos pelos quais essa categoria é denominada **experenciador**. Ao que é resultado ou alvo da percepção,

pensamento, desejo ou sentido se dá o nome de **fenômeno**. Fuzer e Cabral (2014, p. 55) listam como características para o **fenômeno**:

a) ser sentido, pensado, desejado ou percebido;

b) ser uma pessoa, uma instituição, um objeto ou uma situação (seja concreto seja abstrato ou imaginado);

c) um ato, um fato ou uma outra oração que esteja projetada (sublinhada no exemplo: **Maria percebeu que seria indicada para a direção da empresa.**);

d) pode ser metafórico, com uma nominalização como núcleo, e denotar um processo ou uma qualidade (exemplo: **O feriado me motivou**).

## Processos relacionais

Em amarelo estão os processos de **ser** e **estar**, que estabelecem uma conexão entre entidades diferentes. Esses processos são empregados para representar os seres no mundo por meio de suas identidades ou características. Os processos relacionais podem ser classificados em dois tipos: **atributivos** ou **identificadores**. Nos **atributivos**, há um participante **portador**, que é uma entidade concreta ou abstrata à qual se atribui uma característica, e o **atributo**, a característica em si. Por outro lado, no processo relacional **identificador**, ocorre o **identificado**, que é reconhecido por sua condição ou identidade no mundo, e o **identificador**, que representa a identidade ou a condição. Segundo Fuzer e Cabral (2014, p. 65), a distinção entre **atribuição** e **identificação** “consiste na propriedade de reversibilidade”. A seguir, exemplos dados pelas autoras.

Atributivo	<b>Lula</b> Portador	<b>é</b> Processo relacional	<b>sindicalista.</b> Atributo
Identificador	<b>Lula</b> Portador	<b>foi</b> Processo relacional	<b>presidente da República até 2010.</b> Identificador
	<b>O presidente da República até 2010</b> Portador	<b>foi</b> Processo relacional	<b>Lula</b> Identificado

As orações relacionais podem ser ainda **circunstanciais** (sublinhado no exemplo: **O livro é sobre direitos humanos** – atributo circunstancial, na Gramática tradicional é chamado de adjunto adverbial de assunto) ou **possesivas** (sublinhado no exemplo: **Os terrenos são da prefeitura**).

## Processos comportamentais

Apresentados em laranja, são aqueles responsáveis pela construção do comportamento humano fisiológico (Exemplo 1) e psicológico (Exemplo 2).

### Exemplo 1

<b>Maria</b> Comportante	<b>tossiu</b> Processo comportamental	<b>à noite.</b> Circunstância
-----------------------------	--	----------------------------------

Esse participante pode ser comumente um ser consciente.

### Exemplo 2

<b>A bailarina</b> Comportante	<b>rodopiava</b> Processo comportamental	<b>pelo palco.</b> Circunstância
-----------------------------------	---	-------------------------------------

Conforme os exemplos, nos processos comportamentais, há um participante típico que é o **comportante** e uma ou mais **circunstâncias** (**à noite**, no exemplo 1, e **pelo palco**, no exemplo 2) que situam o processo performado pelo verbo em termos de modo, tempo e espaço.

### Processos verbais

Apresentados em verde, os processos verbais têm como núcleo verbos declarativos ou que produzem o sentido de dizer (dicendi). São comumente usados para introduzir citações e declarações. Nos processos verbais, há o **dizente**, que é a entidade concreta ou abstrata que comunica algo; e o **receptor**, entidade a quem a verbiagem (o conteúdo da verbalização) é dirigida, como ilustra o exemplo.

### Exemplo

<b>A professora</b> Dizente	<b>conta</b> Processo verbal	<b>histórias</b> Verbiagem	<b>para as crianças</b> Receptor	<b>nas sextas-feiras.</b> Circunstância
--------------------------------	---------------------------------	-------------------------------	-------------------------------------	--

Há também orações verbais que apresentam **alvo**, que é a entidade atingida pelo processo de dizer.

## Exemplo

<b>O Ministério Público</b> Dizente	<b>denunciou</b> Processo verbal	<b>o médico</b> Alvo	<b>por assédio.</b> Circunstância (causa)
--	-------------------------------------	-------------------------	--

Por terem o propósito de comunicar o conteúdo de um dizer ou fazer uma declaração atribuída a uma voz externa, o conteúdo da verbiagem pode aparecer na forma de citação<sup>3</sup> em uma oração projetada que reproduz ou manifesta a fala ou o pensamento dessa voz externa. Na escrita, esse conteúdo aparece entre aspas, conforme ilustra o exemplo 1.

## Exemplo 1

<b>Beauvoir (2019, p. 408)</b>	<b>aponta que</b> Processo verbal	<b>“a própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e ainda hoje o dominam [...]”.</b> Oração projetada
--------------------------------	--------------------------------------	--

O exemplo 1 ilustra uma oração verbal cujo núcleo é um verbo de dizer (**aponta**) que introduz uma oração projetada, sinalizada pelas aspas (discurso direto, na Gramática tradicional). Essa informação poderia ainda aparecer na forma de relato (discurso indireto, na Gramática tradicional), em que o dizer de outras vozes é reproduzido sem transcrição literal, conforme ilustrado no exemplo 2.

3. A citação é um recurso linguísticos que atribui a uma outra pessoa a responsabilidade pelo conteúdo do dizer e é estruturante do discurso da ciência na medida em que marca posicionamento teórico, valida, contesta ou demarca um argumento a partir de uma voz externa (Fuzer; Cabral, 2014).

## Exemplo 2

<b>Beauvoir (2019)</b>	<b>diz que</b> Processo verbal	<b>as mulheres reconhecem que até hoje a sociedade é construída, elaborada e dirigida por homens.</b> Oração projetada
------------------------	-----------------------------------	---

Tanto a citação quanto o relato podem ser introduzidos pelas conjunções **que** e **se**.

## Processos existenciais

São representados pelo roxo e indicam algo que existe ou acontece, seu único elemento é o **existente**.

## Exemplo

<b>Há</b> Processo existencial	<b>alterações no texto.</b> Existente
-----------------------------------	--

O verbo comumente empregado em orações existenciais é o **haver**, como sinônimo de **existir**. Ainda, esse tipo de oração é menos frequente quando comparada com as demais. Não tem um Sujeito e o **participante** pode ser algo concreto ou abstrato: uma pessoa, uma instituição, uma ação ou um evento (Fuzer; Cabral, 2014).

Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 174), cada um dos processos descritos acima contribui de formas distintas para a interpretação da experiência humana. Para os autores, processos materiais, por exemplo, são predominantes em textos de natureza injuntiva, tais como receitas e manuais de instrução. Por outro lado, processos ver-

bais são comuns em notícias, enquanto processos mentais aparecem frequentemente em conversas casuais. Por fim, a construção de um cenário ou orientação de uma narrativa é frequentemente dominada por processos relacionais.

A língua, no âmbito da GSF, configura-se, portanto, como um recurso para criar significado, e o significado reside em padrões sistêmicos de escolha. É nessa concepção de língua que a GSF de Halliday e a Análise de Discurso Crítica (ADC) de Fairclough (2001) se encontram. Segundo Fairclough (2001, p. 48), a GSF “[...] fornece diferentes ‘tipos de processos’ e ‘participantes’ associados como opções, e a seleção de um tipo de processo particular pode ser ideologicamente significativa”. Logo, a GSF oferece à ADC o instrumental metodológico necessário para estudar como os discursos se fixam ou se alteram conforme a conjuntura sócio-histórica.

## Análise do Discurso Crítica

A expressão “análise do discurso crítica” foi referenciada pela primeira vez nos estudos do linguista britânico Norman Fairclough, em 1985, no *Journal of Pragmatics* (Fairclough, 2001). Desde então, essa vertente linguística vem se consolidando como uma abordagem teórico-metodológica para o estudo da língua em uso, situada em contextos específicos. A ADC busca investigar o papel da linguagem nos fenômenos sociais ao observar como o discurso, enquanto uma ação realizada pela linguagem, constitui e é constituído pela dinâmica da vida social, especialmente na manutenção e reprodução de problemas sociais contemporâneos.

A ADC oferece, assim, um arcabouço teórico que subsidia a pesquisa social. O que difere a ADC de outras abordagens críticas é a interface que promove entre análise linguística e análise social (Melo, 2018).

Para Chouliaraki e Fairclough (1999), as pesquisas em ADC devem focar em problemas sociais típicos da vida social, de modo a elaborar uma crítica explanatória para superar esses problemas.

A ADC tem, em seu escopo, uma teoria social crítica interligada a um campo de pesquisa que intenta operar mudanças nas relações sociais de poder e dominação, e finalmente, precisa estar fundamentada em análises linguísticas. Em conjugação com a LSF, ela pode ampliar a visão do pesquisador sobre o contexto investigado, objetivando estreitar cada vez mais o elo entre o social e o linguístico (Barros, 2018, p. 47).

A abordagem desenvolvida pela ADC é classificada como qualitativa, pois é direcionada à análise minuciosa e interpretativa de textos e de discursos. Para tanto, propõe uma concepção tridimensional de análise com o objetivo de integrar três tradições analíticas que, segundo Fairclough (2001, p. 100-101), são indispensáveis para a análise do discurso. Essas três dimensões são: o texto, visto como um produto e um processo das práticas discursivas e sociais; a prática discursiva, que se refere ao processo de construção e disseminação dos textos; e a prática social, que é o momento da instanciação do discurso onde o texto e a cultura se encontram.

Figura 2 – Concepção tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (2001, p. 101)

A análise do texto inclui o exame do vocabulário, da gramática, da coesão e da estrutura textual. O vocabulário diz respeito ao uso de palavras individuais, enquanto a gramática aborda a combinação de palavras em orações e frases. A coesão, por sua vez, estuda as ligações entre orações e frases. Por fim, a estrutura textual investiga as propriedades organizacionais dos textos.

A dimensão da prática discursiva se concentra nos processos de produção, distribuição e consumo dos textos, investigando como a natureza desses processos varia de acordo com fatores de ordem social. A terceira e última dimensão está relacionada à instanciação do discurso em termos de ideologia e hegemonia, examinado como esses elementos estão imbricados na maneira como as pessoas agem pela linguagem, com base em conhecimentos partilhados sobre o ser e existir na sociedade.

De acordo com Fairclough (2001, p. 101), os procedimentos analíticos da ADC incluem a análise textual, que pode ser chamada de descrição, e as dimensões que tratam da análise das práticas discursiva e social, que podem ser denominadas de interpretação. Essas abordagens permitem realizar uma crítica explanatória dos dados.

Na sequência, os procedimentos adotados para realizar essa pesquisa são descritos.

## Descrição metodológica do estudo

Esta pesquisa se trata de uma análise discursiva textual e socialmente orientada, focando nos mecanismos de produção do discurso e em seu funcionamento na estrutura social, favorecendo ou não a mudança social. Adota-se, para tanto, uma abordagem quanti-qualitativa para a análise dos títulos e lides de dez reportagens publicadas nos sites das revistas *Cláudia* e *Vogue*. Optou-se por essas revistas em função da gratuidade e acessibilidade dos textos.

Os textos analisados estão indicados no Quadro 1 a seguir. Também é apresentado o código utilizado para se referir aos textos na análise e discussão dos resultados; o código é composto pela inicial maiúscula do nome da revista (C ou V), seguida pelo símbolo de jogo da velha (#) e um número de um (1) a cinco (5) que corresponde à ordem em que foram selecionados e analisados.

Quadro 1 – *Corpus* de pesquisa

PINHEIRO, Ana. Plano Free Free nasceu para capacitar meninas e mulheres no Brasil. <i>Claudia</i> , Revista <i>Claudia</i> , jul. 2020. Disponível em: <a href="https://claudia.abril.com.br/feminismo/plano-free-free-nasce-para-capacitar-meninas-e-mulheres-no-brasil/">https://claudia.abril.com.br/feminismo/plano-free-free-nasce-para-capacitar-meninas-e-mulheres-no-brasil/</a> . Acesso em: 11 jul. 2022.	C#1
MARQUES, Marina. Documentário protagonizado por mulheres aborda força do empreendedorismo. <i>Claudia</i> , Revista <i>Claudia</i> , jun. 2022. Disponível em: <a href="https://claudia.abril.com.br/sua-vida/consulado-da-mulher/">https://claudia.abril.com.br/sua-vida/consulado-da-mulher/</a> . Acesso em: 11 jul. 2022,	C#2

PAIXÃO, Ligea. Mulheres de sucesso revelam desafios e caminhos do afroempreendedorismo. Claudia, Revista Claudia, nov. 2021. Disponível em: <a href="https://claudia.abril.com.br/feminismo/empreendedorismo-negras-mulheres/">https://claudia.abril.com.br/feminismo/empreendedorismo-negras-mulheres/</a> . Acesso em: 13 jul. 2022.	C#3
PAÍVA, Nathalie. Após luto materno e fracassos, empreendedora encontra saída para ressurgir. Claudia, Revista Claudia, out. 2021. Disponível em: <a href="https://claudia.abril.com.br/carreira/luto-materno-empresendedora/">https://claudia.abril.com.br/carreira/luto-materno-empresendedora/</a> . Acesso em: 13 jul. 2022.	C#4
DA REDAÇÃO. Maternidade foi “empurrãozinho” para 75% das empreendedoras. Claudia, Revista Claudia, jan. 2018. Disponível em: <a href="https://claudia.abril.com.br/carreira/maternidade-foi-empurraozinho-para-75-das-empresendedoras/">https://claudia.abril.com.br/carreira/maternidade-foi-empurraozinho-para-75-das-empresendedoras/</a> . Acesso em: 12 jul. 2022.	C#5
NEVES, Maria. Como ela faz e acontece: Giovana Pacini, CEO da Merz no Brasil. Vogue, Globo, out. 2022. Disponível em: <a href="https://vogue.globo.com/vogue-negocios/noticia/2022/10/como-ela-faz-e-acontece-giovana-pacini-ceo-da-merz-no-brasil.ghtml">https://vogue.globo.com/vogue-negocios/noticia/2022/10/como-ela-faz-e-acontece-giovana-pacini-ceo-da-merz-no-brasil.ghtml</a> . Acesso em: 13 out. 2022.	V#1
MERLO, Paula. Como ela faz e acontece: Camila Coutinho, CEO e fundadora da plataforma Garotas Estúpidas e da marca de beleza GE Beauty. Vogue, Globo, set. 2022. Disponível em: <a href="https://vogue.globo.com/vogue-negocios/noticia/2022/09/como-ela-faz-e-acontece-camila-coutinho-fundadora-e-ceo-da-plataforma-garotas-estupidas-e-da-marca-de-beleza-ge-beauty.ghtml">https://vogue.globo.com/vogue-negocios/noticia/2022/09/como-ela-faz-e-acontece-camila-coutinho-fundadora-e-ceo-da-plataforma-garotas-estupidas-e-da-marca-de-beleza-ge-beauty.ghtml</a> . Acesso em: 13 out. 2022.	V#2
MERLO, Paula. Como ela faz e acontece: Sabrina Zanker, diretora geral da divisão de luxo da L'Oréal. Vogue, Globo, set. 2022. Disponível em: <a href="https://vogue.globo.com/Vogue-Negocios/noticia/2022/09/como-ela-faz-e-acontece-sabrina-zanker-diretora-geral-da-divisao-de-luxo-da-loreal.html">https://vogue.globo.com/Vogue-Negocios/noticia/2022/09/como-ela-faz-e-acontece-sabrina-zanker-diretora-geral-da-divisao-de-luxo-da-loreal.html</a> . Acesso em: 13 out. 2022.	V#3
NEVES, Maria. Como ela faz e acontece: Claudia Woods, CEO da WeWork para a América Latina. Vogue, Globo, jun. 2022. Disponível em: <a href="https://vogue.globo.com/Vogue-Negocios/noticia/2022/06/como-ela-faz-e-acontece-claudia-woods-ceo-do-wework-para-america-latina.html">https://vogue.globo.com/Vogue-Negocios/noticia/2022/06/como-ela-faz-e-acontece-claudia-woods-ceo-do-wework-para-america-latina.html</a> . Acesso em: 13 out. 2022.	V#4
MERLO, Paula. Como ela faz e acontece: Tatiana Sadala, co-fundadora e CEO do Todas Group. Vogue, Globo, jun. 2022. Disponível em: <a href="https://vogue.globo.com/Vogue-Negocios/noticia/2022/06/como-ela-faz-e-acontece-tatiana-sadala-co-fundadora-e-ceo-do-todas-group.html">https://vogue.globo.com/Vogue-Negocios/noticia/2022/06/como-ela-faz-e-acontece-tatiana-sadala-co-fundadora-e-ceo-do-todas-group.html</a> . Acesso em: 13 out. 2022.	V#5

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Como critério para a seleção desses textos, foi estabelecido que deveriam ter indicado no texto que seus conteúdos versavam sobre empreendedorismo ou

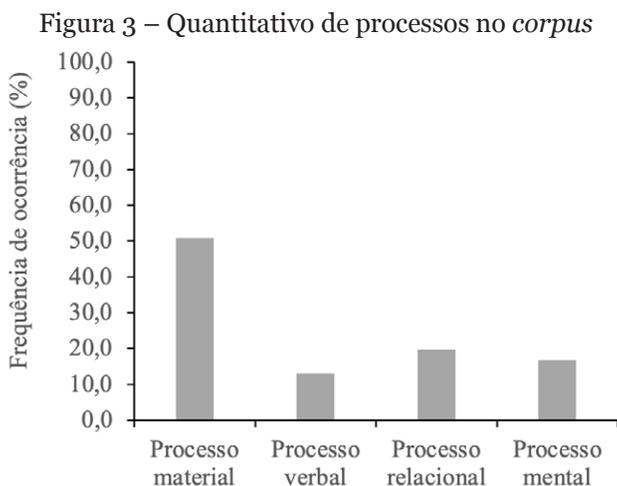
estarem na seção da revista destinada a essa temática. Optou-se por analisar os verbos das orações principais, pois é neles que se encontra a declaração principal do enunciado. No âmbito da GSF, no complexo oracional, pode ocorrer um processo de encaixamento, onde uma oração funciona como um termo da oração principal (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 426).

Quanto à aplicação das dimensões que compõem o modelo tridimensional no *corpus*, a análise textual se dá pelo exame dos processos no complexo oracional para identificar como as revistas elaboram uma representação para o empreendedorismo feminino em duas revistas que tratam de temáticas que envolvem o dia a dia das mulheres. O exame da dimensão da prática discursiva ocorre ao se considerar o processo de produção, consumo e circulação dos textos nas revistas selecionadas. Por fim, a análise da dimensão da prática social acontece quando se realiza a crítica explanatória, nos termos de Fairclough (2001), por exemplo, através do cruzamento dos dados textuais gerados com as características da cultura e da sociedade, para identificar os discursos que atravessam a materialidade textual.

Os procedimentos de descrição textual incluem a tabulação e quantificação dos processos identificados nos títulos e nos lides, bem como a interpretação dos dados gerados a partir de conhecimentos sobre as condições de produção e recepção dos textos.

## Descrição e Discussão dos Resultados

Os resultados quantitativos indicaram a predominância de processos materiais: 50,7% no *corpus* analisado, tal como demonstra a Figura 3.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

De acordo com o apresentado, os processos materiais são os mais frequentes na soma total dos processos nas duas revistas. São seguidos pelos processos relacionais com 19,6% e os mentais com 16,7%. Na sequência, os exemplos ilustram os processos materiais no *corpus*.

### Processos materiais

C#1 Plano Free Free **nasce** para capacitar meninas e mulheres no Brasil.

V#1 Como ela **faz e acontece**: Giovana Pacini, CEO da Merz no Brasil.

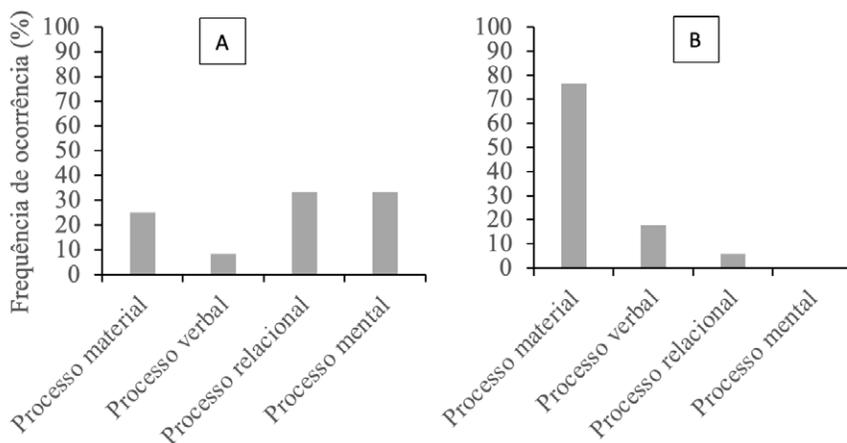
C#2 Marca brasileira de calcinhas absorventes **permitirá** que clientes criem suas próprias lojinhas no site, recebendo comissão por vendas.

V#5 Ela **largou** a carreira de mais de uma década em multinacionais para abrir um negócio cheio de propósito: uma comunidade que impulsiona e desenvolve lideranças femininas.

Os processos materiais são considerados modelos de representação da experiência real e, por isso, podem servir como padrões utilizados pelo interlocutor para construir uma percepção sobre algo ou como agir e fazer no mundo. No contexto do *corpus* analisado, isso, no âmbito da prática social, vai ao encontro do propósito das revistas de publicar textos que relatem histórias de mulheres que obtiveram êxito ao empreender. Esses textos parecem produzir a percepção de que o empreendedorismo tem o potencial de mudar a vida de mulheres de maneira positiva e produtiva, supostamente possibilitando maior poder econômico, autonomia e gestão do seu tempo.

Nos textos publicados na revista Claudia (Figura 4 A), há a predominância de processos relacionais e mentais, ambos têm a mesma frequência: 33,3% de ocorrência. São seguidos pelos processos materiais com 25% de ocorrência e dos verbais com 8,3%. Diferente da revista Claudia, em que se observa a recorrência de processos relacionais e mentais, a revista Vogue (Figura 4 B) alterna entre dois tipos de processos: materiais com 76,5% de ocorrência e verbais com 17,6 % de ocorrência. Os processos relacionais tiveram 5,9%; não houve ocorrência de processos mentais.

Figura 4 – Comportamento do sistema de transitividade na revista Claudia (A) e na revista Vogue (B)



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência dos processos nos textos analisados da revista Claudia.

### Processos mentais

C#4 Após luto materno e fracassos, empreendedora **encontra** saída para ressurgir.

Rejane Toigo **se reergueu** após a morte de um dos filhos e **descobriu** uma nova maneira de empreender.

### Processos relacionais

C#3 No Dia Internacional da Mulher Empreendedora o dilema para as mulheres pretas ainda **é** o mesmo: como sobreviver ao racismo institucional no mundo dos negócios?

C#5 Maternidade **foi** empurrãozinho para 75% das empreendedoras.

## Processos verbais

C#3 Mulheres de sucesso **revelam** os desafios e caminhos do empreendedorismo.

A predominância de processos do tipo mental (C#4 “se reergueu”, no exemplo 8) e relacional (C#5 “é”, no exemplo 11) sugere uma tentativa de evidenciar uma visão positiva do empreendedorismo e de sua capacidade para promover uma suposta mudança na vida das mulheres que empreendem (C#4 “Rejane Toigo **se reergueu** após a morte de um dos filhos e **descobriu** uma nova maneira de empreender”).

Essa perspectiva é reforçada pela presença de verbos relacionais que, nos textos analisados, estruturam uma narrativa que define o empreendedorismo como um meio para combater o machismo no contexto empresarial. Esse aspecto é o que dá o tom discursivo em C#3, uma matéria relacionada ao Dia Internacional da Mulher Empreendedora – 19 de novembro –, que aborda os preconceitos e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres pretas no contexto institucional dos negócios. C#5 corrobora essa tentativa de construção de uma visão positiva do empreendedorismo, definindo-o como estratégico para as mulheres avançarem na luta por melhores condições de trabalho após a maternidade.

O empreendedorismo é definido, portanto, como um recurso estratégico para gerar uma mudança na vida das mulheres. A revista parece se alinhar à cultura que associa a maternidade às mulheres e universaliza essa crença como inerente ao gênero feminino. Observa-se que muitas mulheres empreendem por necessidade, ou seja, se tornam empreendedoras na ausência de alternativas melhores ou quando perdem o emprego (Bianchi; Parisi; Salvatore, 2016). O marcador de

gênero se alinha a aspectos sociais, históricos e culturais e constrói representações sociais da mulher empreendedora que remetem a condições tradicionalmente estabelecidas para elas.

Os textos publicados pela revista Vogue trazem a ideia de que a mulher é a autora de suas ações por meio do *slogan* padrão nos títulos das reportagens “Como ela faz e acontece” que justifica a predominância dos processos materiais (V#1 Como ela **faz** e **acontece**: Giovana Pacini, CEO da Merz no Brasil e V#4 “Como ela **faz** e **acontece**: Claudia Woods, CEO da WeWork para a América Latina.”). O empreendedorismo é construído discursivamente como parte do processo de mudança na vida das mulheres. Esse aspecto está centrado na ideia de “fazer para acontecer”, o que colabora para a ilusão de que as mulheres nas revistas representam todo o espectro do feminino em uma sociedade complexa, em que há uma assimetria cultural, econômica e sócio-histórica entre os universos masculino e feminino.

Ainda, nos lides das reportagens da Vogue, há predominância de processos verbais, o que indica a construção de uma narrativa que produz o sentido de que o empreendedorismo é uma solução para todas as mulheres. Isso pode ser considerado uma falácia, principalmente quando se trata de questão de gênero (V#2 “Primeira influenciadora a assinar o Pacto Global da ONU, Camila **divide** quando passou a delegar mais, como organiza a não-rotina e onde busca por inspiração” e V#3 “De estagiária a diretora na L’Oréal Brasil, Sabrina **conta** como o silêncio é fundamental para sua saúde mental, quais seus métodos de organização e como lidera de maneira não hierárquica”).

A recorrência de processos materiais e verbais na revista Vogue é um indicativo de que a revista busca criar um fluxo de consciência hegemônico sobre as condições sociais do empreendedorismo feminino, constituindo-se como uma força argumentativa para a construção de

uma imagem favorável sobre o potencial transformador do empreendedorismo na vida das mulheres. Isso sugere que todas as mulheres teriam as mesmas vantagens socioculturais e econômicas, o que não é necessariamente o caso. O editorial da revista superestima o empreendedorismo ao apresentá-lo como um caminho fácil e alternativo para a realização pessoal e econômica. Ademais, segundo Ferreira *et. al* (2017, p. 05), “[...] o empreendedorismo aparece como uma alternativa de carreira, destacando-se pelo aparente benefício de permitir maior controle sobre o tempo e o futuro profissional.”

Um aspecto que chama a atenção em V#3 é uma das estratégias adotadas por uma das entrevistadas para manter sua saúde mental no mundo do trabalho: o silêncio. Isso demonstra a indissociabilidade, no âmbito da prática discursiva, do conhecimento partilhado sobre ser, existir e agir no mundo, e o que as pessoas fazem com base nesse conhecimento. Ou seja, em V#3, observa-se que o texto participa da reprodução e manutenção de problemas sociais que envolvem o universo feminino. O silenciamento feminino é uma tecnologia social empregada pelo discurso sexista hegemônico para controlar as mulheres e privá-las do direito de ocupar seus espaços por meio da fala, especialmente em ambientes de trabalho.

A divisão entre o que é considerado masculino e feminino, em termos de gênero social, é reforçada com a exploração da mulher em dupla, e muitas vezes tripla, jornada de trabalho. A maternidade, a limitação a atividades laborativas tradicionalmente atribuídas às mulheres e o silenciamento são estratégias para reduzir as mulheres a papéis sociais preestabelecidos. Esses três aspectos demonstram como o discurso, enquanto uma ação realizada pela linguagem, se constitui e é constituído pela ideologia patriarcal dominante na vida social na contemporaneidade.

Ainda, há o “fator mágico do empreendedorismo” que é apresentado como capaz de transformar a vida das mulheres. Isso se verifica nos títulos e lides das reportagens analisadas da revista Vogue, onde as narrativas construídas pelos processos verbais relatam histórias de mulheres que alcançaram sucesso e satisfação pessoal pelo empreendedorismo.

A falácia do empreendedorismo para as mulheres surge, nesse contexto, porque a maioria dessas mulheres empreende por necessidade, uma vez que a maior parte dos lares no Brasil é chefiada por mulheres. Conforme pesquisa realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2023, p.05), “dos 75 milhões de lares, 50,8% tinham liderança feminina, o correspondente a 38,1 milhões de famílias”,

Muitas dessas mulheres empreendem sem saber exatamente como fazer. Outro aspecto que emerge nas análises é a base ideológica coercitiva e produtivista do sistema neoliberal: “mulheres que fazem e acontecem” desde que suas escolhas fiquem restritas a setores da economia majoritariamente ligados ao comércio varejista e à produção de serviços materiais e imateriais.

## Considerações finais

As análises apresentadas ilustram como a mídia representa o empreendedorismo para mulheres, a partir da análise dos títulos e lides de dez reportagens publicadas nos sites das revistas Claudia e Vogue.

Na contagem total dos processos, verifica-se que os materiais são predominantes, o que é, no contexto da **prática discursiva**, condizente com o propósito das revistas femininas: construir uma ideia de mundo para as mulheres. A função do sistema de transitividade é traçar **textualmente** uma visão favorável do empreendedorismo como

um fator com potencial de transformar a vida das mulheres, público-alvo das revistas.

A liberdade que o empreendedorismo poderia trazer para as mulheres é glamourizada e superestimada, porque ele é discursivamente descrito pelas revistas como uma opção de carreira que promove benefícios que podem ser considerados aparentes, visto que possibilitaria que todas as mulheres gerenciassem seu tempo no trabalho e conciliassem sua atividade profissional com o cuidado da família. Como **prática social**, o discurso que perpassa a representação do empreendedorismo para mulheres nos textos analisados sugere uma concepção sobre empreendedorismo feminino que não se manifesta apenas na categoria de **mulher de negócios**, mas também na condição de **mulher cuidadora**.

Percebe-se também que as razões pelas quais as mulheres decidem entrar no mundo dos negócios são apresentadas como iniciativas para transformarem suas vidas e alcançarem independência. Todavia, empreender não tem motivos universais, como as revistas parecem sugerir. O empreendedorismo para as mulheres surge por necessidades individuais para que cada uma delas trace o seu próprio caminho. Ademais, muitas dessas mulheres empreendem sem saber como fazer e pela necessidade de manter suas famílias. Por fim, os dados descritos e analisados aqui demonstram que a representação do empreendedorismo para as mulheres, nas revistas analisadas, está situada na base ideológica do sistema neoliberal e em discursos dominantes sobre igualdade de oportunidades.

## Referências

BANDEIRA, P.; AMORIM, M. V.; OLIVEIRA, M. Z. de. Empreendedorismo feminino: estudo comparativo entre homens e mulheres sobre motivações para empreender. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, Brasília, v. 20, n. 3, p. 1105-1113, set. 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572020000300008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572020000300008). Acesso em 28 jul. 2024.

BARROS, S. M. Bases Filosóficas da Análise Crítica de Discurso. In: JR. BASTISTA, J.R.; SATO, D. T. B.; MELO, I. Ferreira (Orgs.). *Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo, SP: Parábola, 2018, p. 36-47.

BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 5ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BIANCHI, M.; PARISI, V. ; SALVATORE, R. Female entrepreneurs: Motivations and constraints. An Italian regional study. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, v. 8, n.3, p. 98-220. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJGE-08-2015-0029>. Acesso em 28 jul. 2024.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analyses*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CUNHA, M.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FUZER, C.; CABRAL, S. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

HALLIDAY, M. K.; MATTHIESSEN, C. *An Introduction to functional grammar*. Londres: Arnold, 2004.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de Gênero. *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102066\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102066_informativo.pdf). Acesso em: 04 maio 2024.

MELO, I. F. Histórico da análise de discurso crítica. In: JR. BATISTA, José Ribamar; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira (Orgs.). *Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018, p. 20-35.

MENDES, W. V. A perspectiva sistêmico-complexa na relação com os estudos da linguagem: experiência com textos acadêmicos. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 7, n. 1, p. 21-40, jan./abril 2018. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/download/564/472/1427>. Acesso em: 07 jul. 2022.

SAFFIOTI, H. I.B. *Gênero, Patriarcado e Violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

Recebido em: 28/04/2024

Aprovado em: 19/08/2024

Licenciado por

